



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
CURSO DE JORNALISMO

**ABLAVI VICTOIRE ADJALLA**

RELATÓRIO TÉCNICO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**NÓS POR NÓS**  
RELATOS DE RACISMO E XENOFOBIA  
EM FORTALEZA E REDENÇÃO

FORTALEZA  
2020

**ABLAVI VICTOIRE ADJALLA**

**NÓS POR NÓS: RELATOS DE RACISMO E XENOFOBIA EM FORTALEZA E  
REDENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

FORTALEZA  
2020

ABLAVI VICTOIRE ADJALLA  
NÓS POR NÓS: RELATOS DE RACISMO E XENOFOBIA EM FORTALEZA E  
REDENÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

Aprovado em: \_\_ / \_\_ / \_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Dr. Robson da Silva Braga (orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Professor Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Professor Dr. Basílele Malomalo  
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) - Bahia

---

Professora Dra. Luana Antunes Costa  
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) - Ceará

FORTALEZA

2020

## AGRADECIMENTOS

Foi um grande desafio conseguir ser produtiva nesse momento difícil que o mundo todo está passando. Confesso que eu só consegui ir até o fim graças às imensas pessoas que a vida foi colocando, de uma forma ou de outra, na minha vida. São tantas pessoas a quem devo imensos agradecimentos que não sei por onde começar. Sou grata a todas e a todos que têm me ajudado e me apoiado nesses últimos cinco anos de Brasil. Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado fé nos dias complicados, por ter colocado pessoas incríveis na minha vida e por ter me protegido e me dado força para chegar até aqui. Sou grata também por ter tido pais incríveis. Apesar de terem partido cedo demais, eles deram, a mim e aos meus queridos irmãos, uma educação que tem me ajudado a me tornar uma pessoa melhor a cada dia.

Agradeço também ao meu tio, Dapkè Sossou, por ter me apresentado o programa PEC-G, por me enviar ao Brasil e por todas as grandes experiências que me permitiu ter. Agradeço aos meus irmãos, principalmente Marcel Adjalla por todo o seu apoio.

Agradeço imensamente ao meu querido professor orientador Robson da Silva Braga por não só ter aceitado meu projeto, mas também por ter o abraçado e ter me ajudado do começo ao fim e por muitas outras coisas que tem feito por mim. Agradeço à professora Gabriela Ramos, que foi a primeira a saber desse tema e por ter me encorajado e ajudado. Agradeço aos professores Aila Ceres e Lucas Amorim por terem sido os melhores professores de português. Agradeço, também, aos professores da minha banca de defesa por terem aceitado o convite apesar das dificuldades enfrentadas neste momento de pandemia.

Agradeço aos professores Ricardo Jorge de Lucena Lucas, Bas'lele Malomalo e Luana Antunes Costa pela participação na banca avaliadora, pela disponibilidade e pelas contribuições que certamente darão para a elaboração da versão final do trabalho.

Muito obrigada a todas as pessoas - estudantes de países africanos entrevistados, pessoas de países africanos que responderam minha enquete online, membros de movimentos, especialistas em debates raciais e pesquisadores - que me conceberam um tempo em suas agendas e contribuíram para a produção deste livro.

Agradeço aos amigos encontrados nessa jornada que me apoiaram, compartilhando ideias, torcendo por mim e me dando força sempre que precisava: meu irmão e minha irmã de outros países Marek Abi e Michaela Lewis; meus queridos amigos da UFC que têm me acolhido, me ajudado e que nunca deixaram eu me sentir sozinha: Émerson Rodrigues, Marcos Medeiros, Isabelle Moura e Emanuel Silva; meus amigos Julien, Ana Rita, Bliss, Rufine, Moudjabath, Denise, Irina, Marlène, Luc Antoine, Nana, Carmen, Larissa e Ivana; meus primos Aurlus, Mireille, Modeste e aos outros amigos que sempre me mandavam energia positiva.

Por fim, agradeço também a todas as pessoas que, durante esses cinco anos, tentaram, de uma forma ou de outra, me colocar para baixo ou que tiveram comportamentos racistas a meu respeito. Eu não teria escolhido esse tema sem essas experiências, portanto, obrigada a todos vocês. Obrigado também a você, leitor ou leitora. Você também faz parte de tudo isso.

Com amor,  
Victoire Adjalla

## RESUMO

O objetivo deste trabalho foi de elaborar um livro-reportagem que compila relatos de 19 estudantes de países africanos que sofrem racismo e xenofobia em Fortaleza e Redenção. Por meio de textos jornalísticos, dividimos os depoimentos em seis capítulos com base nos temas que evidenciam o racismo brasileiro de cada dia, a fim de entender por que esses estudantes passam por tais situações. Para a elaboração desse produto, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: a) entrevista em profundidade, para coleta de informações e relatos dos estudantes; b) entrevistas semiestruturadas com especialistas, representantes de entidades e membros de movimentos ligados às temáticas; c) realização de enquete online para entender como estudantes e não estudantes vindos de países africanos são vistos pela sociedade brasileira em outras cidades do Brasil; d) e ensaio fotográfico. Em termos conceituais, baseamos-nos em discussões sobre representação, estigma, identidade e racismo.

**Palavras-chave:** racismo; xenofobia; África; estudantes; livro-reportagem.

## RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail était d'élaborer un livre-reportage qui compile les rapports de 19 étudiants de pays africains qui souffrent de racisme et de xénophobie à Fortaleza et Redenção. À travers des textes journalistiques, nous avons divisé les témoignages en six chapitres basés sur les thèmes qui montrent le racisme brésilien de chaque jour, afin de comprendre pourquoi ces étudiants traversent de telles situations. Pour l'élaboration de ce produit, les procédures méthodologiques suivantes ont été adoptées: a) entrevue approfondie, pour recueillir des informations et des rapports d'étudiants; b) des entrevues semi-structurées avec des spécialistes, des représentants d'entités et des membres de mouvements liés aux thèmes; c) la réalisation d'une enquête en ligne pour comprendre comment les étudiants et les non-étudiants des pays africains sont perçus par la société brésilienne dans d'autres villes du Brésil; d) et séance de photo. Conceptuellement, nous nous sommes basés sur des discussions sur la représentation, la stigmatisation, l'identité et le racisme.

**Mots-clés:** racisme; xénophobie; l'Afrique; étudiants; livre-reportage.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>2 OBJETIVOS</b>	<b>11</b>
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
<b>3 PROBLEMA DE PESQUISA</b>	<b>12</b>
<b>4 JUSTIFICATIVA</b>	<b>15</b>
<b>5 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>16</b>
<b>6 METODOLOGIA</b>	<b>17</b>
<b>7 SUPORTE ADOTADO</b>	<b>18</b>
<b>8 ESTRUTURA DO PRODUTO</b>	<b>19</b>
<b>9 PROJETO GRÁFICO</b>	<b>21</b>
<b>10 REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE FEITURA</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>27</b>
<b>ANEXOS</b>	



## 1 INTRODUÇÃO

O Ceará foi o primeiro estado brasileiro a libertar os escravos. Em 25 de março de 1884, o presidente da província, Satiro de Oliveira Dias, declarou a libertação de todos os escravos do Ceará, rompendo as correntes da opressão aos negros, colocando o Ceará no topo da história brasileira (DIÁRIO DO NORDESTE). Com a abolição, acontece um fato curioso na “mentalidade” das elites da província: “elas passam a se vangloriar de seu feito e vêem nele um motivo de projeção do Ceará para o resto do Brasil”. Entretanto, ter sido o primeiro estado a libertar os escravos é sinônimo de aceitação dos negros ou de antirracismo?

Desde a época da escravidão, o Brasil começou a ter ligações com alguns países africanos. Portanto, a cultura africana é uma das culturas mais influentes na formação do povo brasileiro e, por meio da lei nº 10.639/03, tornou-se obrigatório o seu ensino nas salas de aula. Porém, mesmo sendo uma das que compõem a cultura brasileira, sempre ocupou uma posição sucinta ou quase imperceptível na área educacional. A sua influência, apesar de ampla, nunca foi devidamente reconhecida ou teve seu valor e importância devidamente atribuídos.

Nessas últimas duas décadas, o Brasil se tornou um dos países que mais acolhe imigrantes. No Ceará, o número dos imigrantes, principalmente dos estudantes do continente africano, vem aumentando. De acordo com a Associação de Estudantes Africanos no Ceará, com base da Polícia Federal, cerca de 2.500 estudantes vindos do continente Africano residem no Estado.

Os dois principais meios pelos quais esses estudantes de graduação chegam ao Brasil são o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e a Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), que tem sede em Redenção (Ceará) e em São Francisco do Conde (Bahia).

Ao chegarmos no Brasil, nos deparamos com preconceito, racismo e xenofobia. Mas, diferentemente dos negros brasileiros, nós não sofremos apenas com o racismo, até porque nem todo africano é negro. Sofremos também com a xenofobia, por sermos nativos de países da África, um continente estigmatizado pelo mundo ocidental.

Nesse sentido, o livro-reportagem produzido como trabalho de conclusão de curso (TCC) pretende relatar histórias de racismo e xenofobia sofridos pelos estudantes de países africanos

nas cidades cearenses de Fortaleza e Redenção. Para tanto, entrevistei, nessas duas cidades, 19 estudantes nativos de sete países africanos: Angola, Benin, Cabo Verde, Congo, Gabão, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe.

## **2 OBJETIVOS**

Este trabalho tem por base os seguintes objetivos:

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Elaborar um livro-reportagem sobre o racismo e a xenofobia sofridos por estudantes de países africanos em Fortaleza e Redenção.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

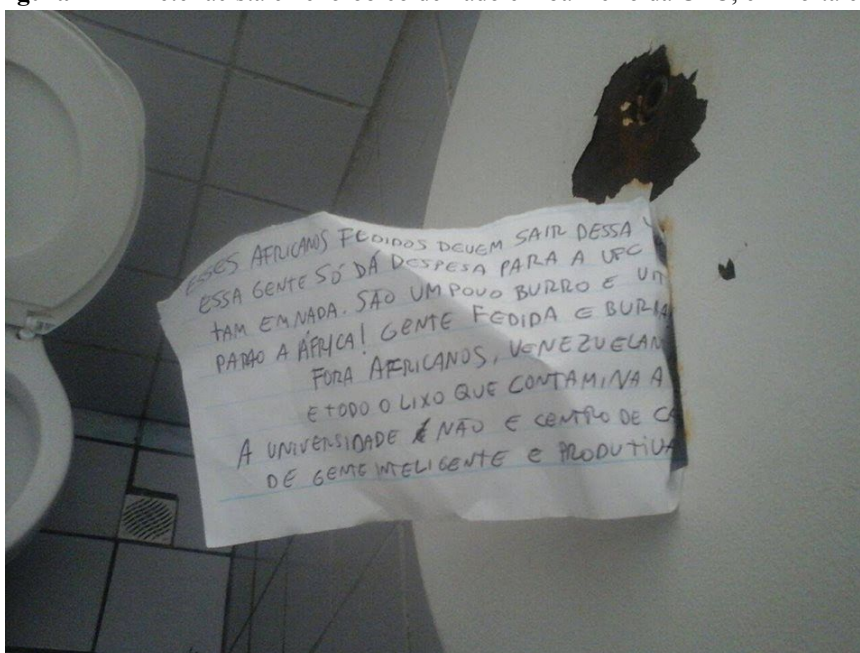
- Coletar relatos de racismo e xenofobia sofridos por estudantes de diferentes países africanos;
- Compreender o processo de migração de cada um deles;
- Relatar suas histórias;
- Observar se sofreram ou se sofrem algum tipo de estereótipo ou racismo e como isso se dá;
- Entender como eles reagem diante desses fatos;
- Realizar pesquisa bibliográfica sobre o tema;
- Entrevistar especialistas;
- Realizar enquete online.

### 3 PROBLEMA DE PESQUISA

Apesar de os negros (pretos e pardos) representarem 54% da população brasileira, eles são também a população mais pobre e são, constantemente, vítimas de homicídios, racismo e preconceito. Os africanos que saem de seus países de origem em busca de novos conhecimentos também enfrentam os problemas dos pretos brasileiros e muitas vezes até mais por serem nativos de um continente estigmatizado.

Apesar de ter sido o primeiro estado brasileiro a ceder liberdade aos escravos, o Ceará é um lugar onde os africanos se sentem muito rejeitados. No mês de maio de 2018, um bilhete (figura 1) com conteúdo racista e de ódio foi encontrado num dos banheiros da biblioteca da Universidade Federal do Ceará em Fortaleza. Nele, os estudantes africanos eram chamados de “fedidos” e “burros”.

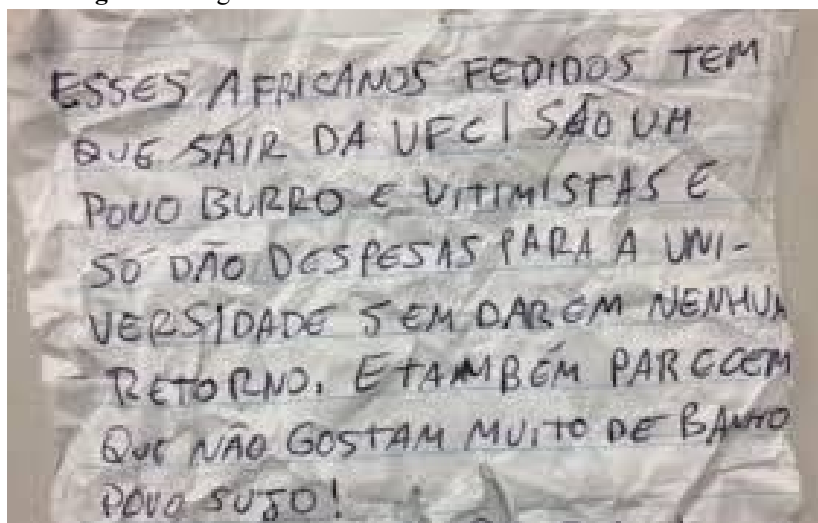
**Figura 1** - Bilhete racista e xenofóbico deixado em banheiro da UFC, em Fortaleza



Fonte: Jornal O Povo

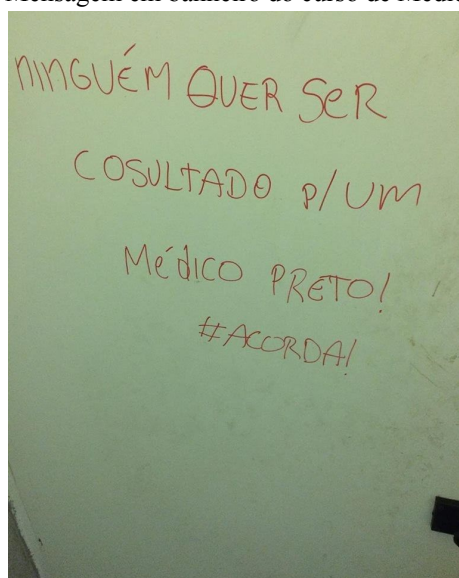
Uma semana depois, em 15 de maio de 2018, outro bilhete (figura 2) foi encontrado, dessa vez por um estudante de mestrado no intervalo de uma aula noturna. O bilhete com mensagem racista estava no mural do Nuper, o Núcleo de Pesquisa e Estudos Regionais.

**Figura 2** - Segundo bilhete racista e xenofóbico deixado na UFC



**Fonte:** Jornal O Povo

**Figura 3** - Mensagem em banheiro do curso de Medicina da UFC



**Fonte:** Reprodução - Facebook

Em setembro do mesmo ano, outra mensagem (figura 3) foi encontrada na porta de um dos banheiros da faculdade de Medicina da UFC, em Fortaleza.

Além de relatar os atos racistas e xenofóbicos que os estudantes de países africanos enfrentam nas cidades de Fortaleza e Redenção, buscamos entender a temática ao longo dos capítulos, por meio de entrevistas feitas com especialistas, pesquisadores e membros de movimentos, além de leituras de livros de autores como Stuart Hall (representações sociais,

identidade e sujeito diaspórico), Frantz Fanon (racismo, xenofobia, colonização, sofrimento psíquico), Erving Goffman (estigma) e Gilberto Freyre (relações entre colonizadores e escravos no Brasil).

#### **4 JUSTIFICATIVA**

Este projeto se insere no campo da Comunicação e, de modo mais específico, no Jornalismo por ter grande relevância social. Além disso, o tema tem como enfoque os relatos de racismo e xenofobia enfrentados por estudantes de países africanos em duas cidades cearenses. Por fim, destacamos que o livro poderá servir como denúncia, além de colaborar com o reconhecimento da existência de racismo no país, já que parte considerável da população brasileira rejeita a afirmação de que o Brasil é um país extremamente racista e xenofóbico.

Em 2016, uma estudante foi encontrada morta num município cearense. Depois de três dias, o caso foi classificado como suicídio, mesmo com os fortes indícios de assassinato. Em julho de 2020, um estudante de país africano foi agredido por um grupo de jovens brasileiros sem sequer saber o motivo ou reconhecer seus agressores. Além do tema ter uma grande relevância social, ele é atual e precisa ser debatido no campo do Jornalismo. A verdade precisa ser contada, e os brasileiros também precisam tomar conhecimento dessas ocorrências. O tema racismo está sendo ultimamente abordado nas mídias brasileiras, mas o racismo sofrido por nativos de países africanos ainda é pouco abordado.

O gênero escolhido foi o livro-reportagem de depoimentos por propiciar um maior envolvimento do leitor com a história das pessoas. Esse suporte permite que deixemos o leitor a par de informações que dificilmente seriam tão bem descritas e desenvolvidas em uma monografia, que tenderia a ficar limitada aos arquivos acadêmicos, não atingindo, assim, um maior número de pessoas.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

Por uma perspectiva decolonial, diversos intelectuais diaspóricos buscaram compreender os impactos na vida desses migrantes em termos psíquicos, de representação e de identidade culturais. É o caso do sociólogo Stuart Hall, que deixou a Jamaica em direção ao Reino Unido e ali foi conduzido, por meio de representações sobre o negro, a uma "identidade caribenha". Ou o caso do teórico Homi Bhabha, que migrou da Índia para a Inglaterra e ali conseguiu compreender a relação irônica que o indiano estabelece com o discurso colonial produzido pelos ingleses na Índia, ex-colônia inglesa.

História semelhante é a do psiquiatra e autor decolonial Frantz Fanon (2008), que descreve em uma de suas obras, "Pele negra, máscaras brancas", os impactos psíquicos decorrentes de sua mudança da ilha de Martinica, região administrativa da França no Caribe, para o país europeu. Fanon esperava encontrar na França uma nação-irmã. Feito muitos africanos que saem do continente africano para o Brasil, o psiquiatra ficou perplexo com a realidade dos martinicanos na França, pouco ou nada acolhidos pelos franceses.

Esse choque de realidade acaba por provocar uma crise de identidade nos estudantes de países africanos que achavam, pela ligação histórica entre o continente africano e o Brasil, que seriam bem acolhidos no país e também naquele martinicano que se considerava francês até visitar Paris ou qualquer outra cidade francesa e descobrir que é rejeitado pela população francesa.

O livro "Estigma", de Erving Goffman, nos ajudou a entender, por exemplo, o que estimula esses estudantes a terem alguma preferência nas relações amistosas ou afetivo-sexuais. Nos referimos também a "Casa grande e Senzala", de Gilberto Freyre, para entender a função da mulher de cada raça na casa grande e elaborar reflexões sobre as relações inter-raciais no Brasil.

No diálogo entre elementos culturais diversos, os estudantes de países africanos possuem o que Stuart Hall (2003) define como "identidades multiculturais" em sua obra "Da diáspora: identidades e mediações culturais".



## 6 METODOLOGIA

Para a realização deste livro, a metodologia adotada foi a história oral, utilizando a técnica de entrevista em profundidade, visando colher e registrar relatos dos 19 estudantes de países africanos que residem nas cidades de Fortaleza e Redenção. O procedimento da entrevista também foi utilizado para a coleta de informações e análises de pesquisadores, especialistas e membros de movimentos sociais.

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que, como aponta Jorge Duarte (2015), busca recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Também realizei pesquisa bibliográfica, acessando leituras sobre racismo, representações sociais, identidade, história do Brasil e processo migratório. Por fim, realizei um ensaio fotográfico com estudantes africanos na Praia de Iracema, em Fortaleza.

Além das entrevistas, realizei, em 2019, uma enquete online para entender como os nativos do continente africano que moram em outros estados brasileiros eram vistos pela sociedade brasileira. A pesquisa foi respondida por 158 pessoas, das quais 69,9% são estudantes. A maioria dos respondentes relata situações semelhantes às enfrentadas por estudantes de países africanos no Ceará.

Às entrevistas e à enquete com os estudantes estrangeiros, somam-se as pesquisas que realizei em jornais, documentos e sites oficiais, bem como as entrevistas que realizei com representantes de entidades da sociedade civil, com membros de movimentos sociais, com pesquisadores e com especialistas nos temas que atravessam o debate sobre racismo e xenofobia no Brasil e no mundo.

Ao me referir tanto aos estudantes africanos quanto aos negros brasileiros, utilizei o termo “preto” em vez de “negro”. O motivo é que a palavra “negro” é considerada pejorativa na língua francesa, meu idioma nativo. E, já que o livro também está sendo escrito em francês, considerei mais apropriado usar “preto” tanto em português quanto em francês, para não gerar confusões. Além disso, percebi, no momento das entrevistas, que quase todos os estudantes, ao se referirem a si mesmos, usavam as palavras “preta” e “preto” em vez de “negra” e “negro”.

Busquei entrevistar o máximo de estudantes possível e oriundos de diversos países africanos por

duas razões: eu não queria relatar histórias de racismo acessando apenas duas ou três pessoas e, por fim, afirmando que todos os estudantes de países africanos passam por isso. Alguns poderiam não se sentir representados. Também não queria me limitar a dois ou três países, pois um dos objetivos do livro é justamente desconstruir a ideia de que a África seria um único país. Embora muitos saibam que se trata de um continente, boa parte dos brasileiros ainda não sabem ou preferem ignorar essa informação geográfica básica. Portanto, limitar-me ao relatos de estudantes de apenas dois ou três países seria, ao meu ver, juntar-me à concepção dessas pessoas.

Além disso, eu não selecionei estudantes por saber, antes mesmo da entrevista, que tinham sofrido racismo e xenofobia no Brasil. Como jornalista, fazer isso seria omitir uma parte da verdade. Portanto, apenas entrei em contato com a maioria afirmando que o foco do trabalho seria algo mais genérico: falar sobre a vida dos estudantes de países africanos no Ceará. Eu só comecei a perceber se sofreram ou não racismo no momento das entrevistas. E, na maioria dos casos, os relatos apareciam de modo espontâneo, sem que fossem estimulados com perguntas sobre o tema.

## **7 SUPORTE ADOTADO**

O suporte adotado para esta produção jornalística foi o livro-reportagem depoimento. Esse tipo de livro reconstitui acontecimentos relevantes, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha. O livro-reportagem é uma junção de jornalismo e literatura.

Para Belo (2006), uma das características mais marcantes do livro-reportagem é o mergulho profundo e detalhado dos fatos, personagens e situações que outros veículos jornalísticos não conseguem oferecer. É ter uma visão mais ampla do tema apurado. Afinal, “por não ser tão imediatista quanto à cobertura midiática, o livro normalmente abre espaço para abordagens diferentes, originais, criativas e menos urgentes” (BELO, 2006, p. 42).

Segundo Lima (1995), um livro-reportagem se distingue dos demais livros por três condições: a) conteúdo – corresponde ao real, factual; b) tratamento – corresponde à linguagem, montagem e edição, apresenta-se eminentemente jornalístico; c) e função – ao servir a distintas finalidades típicas ao jornalismo, que se desdobram desde o objetivo de informar, orientar ou de explicar.

## 8 ESTRUTURA DO PRODUTO

O livro-reportagem **Nós por Nós** busca relatar histórias de racismo e xenofobia de 19 estudantes de sete países africanos em Fortaleza e Redenção.

O livro foi escrito em francês, minha língua materna. Deu muito trabalho, mas fico feliz por ter conseguido terminar as traduções. Porque, embora o francês seja a minha língua materna, eu não estudei jornalismo no Benin. Então, há certas técnicas e códigos que eu não domino em francês. Para isso, contei com a ajuda de um amigo francófono que é jornalista e fez a revisão de alguns capítulos. Além disso, há alguns termos em português sem equivalência na língua francesa, a exemplo de “morena”. Tive, portanto, de deixar o termo tal qual no português e explicar o porquê da falta de tradução abaixo, na mesma página. Tudo isso foi uma experiência muito rica, pois, além de aprender sobre o tema e o formato adotado, aprendi também sobre a escrita de textos jornalísticos em francês.

O livro está dividido em seis capítulos e, por motivo de segurança, os nomes de todos os 19 estudantes entrevistados são fictícios. Foi por essa razão que preferi usar fotos nas quais seus rostos não aparecem para não quebrar o anonimato.

O livro está dividido em seis capítulos. O primeiro apresenta os 19 estudantes, bem como os sete países africanos de onde eles vêm. Já o segundo capítulo aborda os estereótipos relacionados ao continente africano. Em seguida, o terceiro trata da sexualização do corpos africanos. Por sua vez, o quarto capítulo aborda as relações amistosas e amorosas inter-raciais e intercontinentais, que os 19 estudantes estabelecem com brasileiros. Já o quinto capítulo aborda os estigmas que fazem os brasileiros associarem os migrantes pretos do continente africano a determinados trabalhos e ocupações. E, por fim, o sexto e último capítulo aborda os preconceitos sofridos por esses estudantes dentro das universidades onde eles estudam.

## 9 PROJETO GRÁFICO

Os seguintes elementos compõem o projeto gráfico do livro-reportagem em questão: a diagramação, a escolha das famílias tipográficas, a escolha de paleta de cores, as ilustrações (imagens e fotos), bem como sua distribuição de elementos gráficos na folha. O projeto gráfico serve também para dar fluidez à leitura e transmitir informações por meio da comunicação visual. Abaixo estão os conceitos técnicos que fazem parte da construção do livro.

### Dados técnicos:

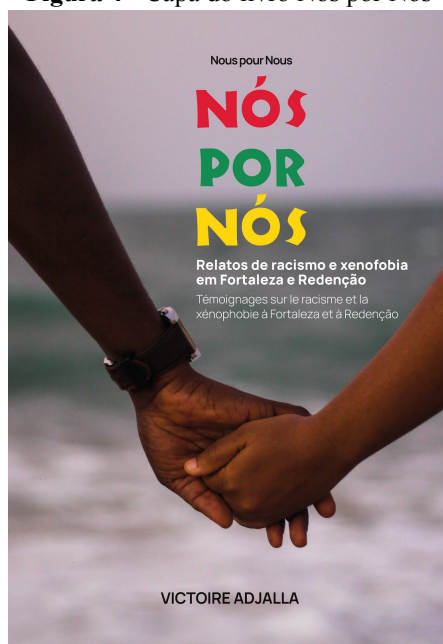
- Páginas: 202 páginas diagramadas
- Suporte: Impresso
- Tamanho: A5 - 16 x 21
- Tipografia: *Neuland Font* (título na capa e nas páginas de abertura - tamanho 50 pt) / *Crimpsion Pro* (texto - 12 pt / informações adicionais - 10 pt) / *Manrope* (títulos dos capítulos no miolo - 18 pt / título, autora e subtítulos na capa - 14-18 pt) / *ED Garamond* (legenda das fotos - 10 pt / dedicatória - 12pt)
- Capitulares: 3 linhas (*Manrope*)
- Espaço entre linhas: 16 pt (português) / 15-16 pt (francês)
- Papel Polén (Miolo) / Papel Glossy ou Paraná (Capa)
- Livro de Brochura
- *Software* utilizado: *Adobe Indesign 2020 / GIMP 2.10.20*

A capa (figura 4) e a contracapa do livro possuem fotos de um ensaio fotográfico realizado por mim. As cores utilizadas fazem referência às bandeiras dos países africanos. As cores da capa são da bandeira do Benin, meu país de origem. O livro conta com dois idiomas, tendo certa diferença entre as cores para identificar a língua. O corpo do texto na cor preta corresponde ao texto em português brasileiro. Já a cor cinza foi utilizada para o texto em francês. O livro contém elementos gráficos como fotografias coloridas e mapas.

Há menos espaços em branco por se tratar de um livro bilíngue, o que exigiu um bom uso da página.

Por fim, a obra destina-se a estudantes, pesquisadores e a todos que queiram entender e conhecer melhor o lado de quem sofre com racismo e xenofobia. Eu diria que esse é um livro de cor, para lembrar que, por muito tempo, os negros foram chamados de “pessoas de cor”, para fazer distinção aos brancos. Já que o mundo aprendeu a ser racista, espero que esse livro o lembre de que ele também pode aprender a ser anti-racista.

**Figura 4 - Capa do livro Nós por Nós**



**Fonte:** Da autora

Figura 5 - Imagem da página 47 do livro, que mostra o elemento textual em dois idiomas

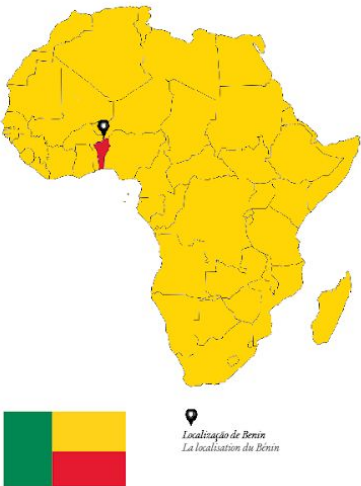
<p><b>Benin</b></p> <p>A República do <b>Benin</b>, antigo reino de Daomé, é um país no oeste africano cujo idioma oficial é o francês. No entanto, mais de 50 outras línguas e dialetos são falados no território. As mais difundidas são Fongbé, Yoruba, Bariba, Goungbé, Adjagbé, Xla, Guingbé, Aizo, Ditammari e Yom. Essas línguas, além de representar os diferentes grupos étnicos, são também usadas nas mídias, principalmente na televisão e em algumas rádios. A população beninense é preta.</p> <p>Devido ao número considerável de pessoas embarcadas para serem escravizadas durante o período colonial nas Américas, o Benin ficou conhecido como a Costa dos Escravos.</p>	<p><b>Le Bénin</b></p> <p>La République du <b>Benin</b>, ancien royaume du Dahomey, est un pays d'Afrique de l'Ouest dont la langue officielle est le français. Cependant, plus de 50 autres langues et dialectes sont parlés sur le territoire. Les plus répandus sont le Fongbé, Yoruba, Bariba, Goungbé, Adjagbé, Xla, Guingbé, Aizo, Ditammari et Yom. Ces langues, en plus de représenter différents groupes ethniques, sont également utilisées dans les médias, principalement à la télévision et sur certaines stations de radio. La population béninoise est noire.</p> <p>En raison du nombre considérable de personnes embarquées pour être asservies pendant la période coloniale dans les Amériques, le Bénin est devenu la Côte des Esclaves.</p>
---	---


<p><i>Benin é um país francófono que conquistou sua independência da França em 2º de agosto de 1960. A capital do país é Porto Novo, chamada de Niğbonou pelos Goun e de Adjatché pelos Yorubá. Benin tem 12 províncias: Alibori, Atacora, Atlântico, Borgou, Collines, Gouffo, Donga, Littoral, Mono, Ouémé, Plateau e Zou. O Benin tem cerca de 12 milhões de habitantes.</i></p>	<p><i>Le Bénin est un pays francophone qui a obtenu son indépendance de la France le 2 août 1960. La capitale du pays est Porto Novo, appelée Niğbonou par les Goun et Adjatché par les Yoruba. Le Bénin a 12 provinces: Alibori, Atacora, Atlantique, Borgou, Collines, Gouffo, Donga, Littoral, Mono, Ouémé, Plateau et Zou. Le pays a environ 12 millions d'habitants.</i></p>
---	---

Fonte: Da autora

Figura 6 - Imagens das páginas 48 e 49, que mostram outros elementos presente no livro

 <p><i>Bandeira de Benin / Drapeau du Bénin</i></p>	<p>A cidade beninense de Ouidah é conhecida principalmente pelo transporte de escravos realizado nos séculos 17, 18 e 19, embarcando quase um milhão de pessoas no Oceano Atlântico. Na orla da cidade, o monumento da Porta do Não Retorno nos faz lembrar desse fluxo forçado do povo africano para colônias europeias, a exemplo do Brasil.</p> <p>La ville béninoise de Ouidah est connue principalement pour le transport d'esclaves effectué aux XVIIe, XVIIIe et XIXe siècles, embarquant près d'un million de personnes dans l'océan Atlantique. Aux abords de la ville, le monument de la porte du non retour nous rappelle ce flux forcé d'Africains vers les colonies européennes, comme le Brésil.</p>
--	--

 <p><i>A Porta do Não Retorno, monumento construído no local de embarque dos escravos na cidade de Ouidah, no Benin. / Reproduction Google</i></p>	<p><i>La porte du non-retour, son monument construit sur le lieu d'embarquement des esclaves dans la ville de Ouidah, Bénin. / Reproduction Google</i></p>
--	--

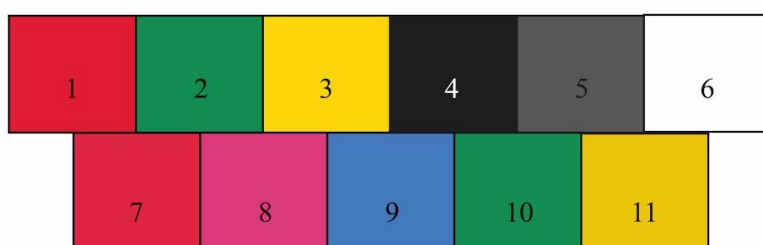
Fonte: Da autora

Figura 7 - Família tipográfica do livro



Fonte: Da autora

Figura 8 - Paleta de cores do livro



Fonte: Da autora

1. (capa) - RGB #e01b33 - C: 3 / M: 97 / Y:77 / K:0
2. (capa) - RGB #018c51 - C: 3 / M: 97 / Y:77 / K:0
3. (capa/box) - RGB #ffd506 - C: 1 / M: 14 / Y:92 / K:0
4. (textos/capa) - RGB #000000 - C: 0 / M: 0 / Y: 0 / K:100
5. (textos/capa) - RGB #575656 - C: 0 / M: 0 / Y: 0 / K:80
6. (capa/legenda) - RGB #ffffff - C: 0 / M: 0 / Y: 0 / K:0
7. (mapa) - RGB #e02544 - C: 3 / M: 95 / Y: 64 / K:0
8. (mapa) - RGB #db3b7b - C: 8 / M: 87 / Y: 20 / K:0
9. (mapa) - RGB #4379bd - C: 76 / M: 47 / Y: 0 / K:0
10. (mapa) - RGB #088c51 - C: 84 / M: 19 / Y: 84 / K: 4
11. (mapa) - RGB #ecc503 - C: 9 / M: 20 / Y: 95 / K: 1



## **10 REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE FEITURA**

Escrever esse livro-reportagem foi, além de um grande desafio, uma experiência muito rica. Com certeza, não foi fácil. O livro **Nós por Nós** pretende evidenciar todo o racismo e a xenofobia que nós enfrentamos cotidianamente no estado do Ceará.

Cheguei ao Brasil por meio do PEC-G, em 2015. Os nativos de países não lusófonos fazem obrigatoriamente curso de língua portuguesa por seis meses e, logo após, realizam a prova de proficiência de língua portuguesa (Celpe/Bras). Em caso de aprovação, esses alunos ingressam nas universidades para as quais foram escolhidos para cursar a graduação. Em caso de reprovação, tem de voltar para seus pais de origem.

Após descobrir que nós, estudantes de países africanos, costumamos passar por situações muito parecidas e decidir produzir este livro, relatando as nossas vivências no Brasil, muitos estudantes tiveram receio de se abrirem para mim para falar sobre os casos de racismo e xenofobia que enfrentam. A única maneira de deixá-los à vontade para falar sobre o assunto foi lhes garantindo que não teriam seus nomes verdadeiros expostos no livro se assim desejassem. Por isso, todos os nomes de estudantes utilizados neste livro são fictícios. Criei os nomes baseando-me nos nomes comuns em cada um desses sete países. Apesar de os nomes dos personagens serem fictícios, os relatos são reais. Muito reais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Africa que a mídia não mostra para voce disponivel em

<<https://www.geledes.org.br/africa-que-a-midia-nao-mostra-para-voce/>

BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

DOUGLAS, Daniel. Caminhando na história. **História do Brasil**. Disponivel em <http://historiaemfocoslm.blogspot.com/2012/01/africanos-no-brasil.html>

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. São Paulo: Global, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Petrópolis: Vozes, 1983

JORNAL O POVO. “Esses africanos fedidos”. **Site O Povo Online**. Disponivel em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/05/esses-africanos-fedidos-devem-sair-dessa-universidade-diz-bilhete-r.html>

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2o ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

MALOMALO, Bas´Ilele; Badi, Mbuyi Kabunda. **Roteiro temáticos da diáspora**. Disponível em: [https://3c290742-53df-4d6f-b12f-6b135a606bc7.filesusr.com/ugd/48d206\\_fba37fc4183949f386000306c687d779.pdf](https://3c290742-53df-4d6f-b12f-6b135a606bc7.filesusr.com/ugd/48d206_fba37fc4183949f386000306c687d779.pdf)

MALOMALO, Bas´Ilele. **Decolonidade africana/negra: Uma crítica pan- africana construtiva**. Revista de humanidades e letras, 2019

MALOMALO, Bas´Ilele. **Mobilização política dos/as imigrantes africanos/as pela conquista de seus direitos no ceará (2012-2015)**.

MONOU, Josiane. **O papel do Museu Casa do Benin na construção de uma narrativa sobre os agudas**. Belo Horizonte, 2018.